

O CONTEXTO MULTILÍNGUE E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM UMA COMUNIDADE CIGANA CALON¹

The Multilingual Context and Language Acquisition in a Calon Gypsy Community

Marilene Gomes de Sousa LIMA
Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal da Paraíba
marilenegomescz@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4706-4525>

Marcilânia Gomes Alcântara FIGUEIREDO
Secretaria Municipal de Educação de Sousa-PB
marcyalcantarakalin@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2543-1355>

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos apresentar o contexto multilíngue no período de aquisição da linguagem em uma comunidade cigana Calon. Metodologicamente, optamos por um estudo de campo qualitativo e longitudinal com duração de oito meses. O *corpus* foi constituído a partir de cenas de interação entre adultos e duas crianças em uma comunidade cigana que faz uso do português, *chibi de calon*², de uma língua de sinais específica e gestos emblemáticos para interagir. Teoricamente, nos apoiamos em Bakhtin (2011 [1952/3]; 2015 [1934/6]) para defendermos uma concepção dialógica de língua, bem como na ideia de que gesto e fala compõem uma única matriz de significação e que há estreita relação entre gesto e cultura, conforme discutem McNeill (2000, 2006), Kendon (2000) e Kita (2009). Os dados analisados apontam para aquisição plurilíngue evidenciada por meio da presença de elementos das três línguas nos enunciados das interações das díades ‘adulta ouvinte - criança ouvinte’ e ‘adulta surda - criança ouvinte’; as palavras *jurin/juron*³ e o emblema que as acompanha evidencia nuances da inserção da criança no horizonte axiológico da comunidade cuja base é a alteridade *Calon-juron*.

¹Este trabalho foi elaborado a partir de releituras da dissertação de mestrado de Lima (2017) e da continuação do diálogo com o campo para construção da tese (em andamento) de doutoramento em Linguística.

²Língua compartilhada entre ciganos Calon.

³Palavras da *chibi* que significam homem não cigano e mulher não cigana.



PALAVRAS-CHAVE: Plurilinguismo; Aquisição da Linguagem; Culturas Ciganas *Calon*.

ABSTRACT: This paper aims to present the multilingual context in the period of language acquisition in a *Calon* gypsy community. Methodologically, we opted for a qualitative and longitudinal field study that lasted eight months. The *corpus* was constituted from scenes of interaction between adults and two children in a gypsy community that uses Portuguese, *Calon chib*⁴, specific sign language and a range of gestures to interact. Theoretically, we rely on Bakhtin (2011 [1952/3; 2015 [1934/6]]) to defend a dialogic conception of language, as well as on the idea that gesture and speech compose a single matrix of meaning and there is close relationship between gestures and culture as pointed out by McNeill (2000, 2006), Kendon (2000) and Kita (2009). The analyzed data point to a plurilingual acquisition evidenced by the presence of elements from the three languages in the utterances in the interaction of the dyad ‘adult-child (both hearing) and ‘deaf adult - hearing child’; the words *jurin/juron* and the emblem that accompanies them show nuances of the child’s insertion in the axiological horizon of the community whose base is the *Calon-juron* alterity. **KEYWORDS:** Plurilingualism; Language Acquisition; *Calon Gypsies* Cultures.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, há ciganos de três etnias: os *Calon* - aqueles que falam a língua *chibi* ou *caló*, os *Rom* - que falam *romani* e os *Sinti* - que são falantes da língua *sintó*. Cada um desses *troncos* se manifesta de diferentes maneiras de acordo com os países onde estão localizados, com a questão das temporalidades e as relações com a sociedade envolvente (SILVA JÚNIOR, 2018), por isso, não há uma única “cultura cigana”, mas, sim, “culturas ciganas”, dado explicitado pelo fato de que o fenômeno da “ciganidade” envolve um sem número de manifestações, formas e lugares (SHIMURA, 2016; 2017).

Os *Calon* foram os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil, dada as expulsões de Portugal, de forma intensa, durante o reinado de Dom João V (1706 a 1750). Antes disso, em 1574, comenta-se sobre a deportação do cigano João Torres, tendo sua mulher e seus poucos filhos presos em Portugal apenas por serem ciganos. Os ciganos *Rom* só começaram a chegar ao Brasil na primeira metade do século XIX e, em maior número, na segunda metade do mesmo século. Esses eram oriundos da Itália, da Alemanha, dos

⁴Shared language among *Calon* gypsies.

Balcãs e da Europa Central. Ainda no Brasil Colônia, a considerada natureza nômade dos ciganos foi, por vezes, involuntariamente executada, fato que colaborou com a dispersão do grupo étnico pelo Brasil, sustentado por uma política de *mantenha-os em movimento* (TEIXEIRA, 2000).

Além dessa política para manter os ciganos em estado de permanente ‘nomadismo’ por vezes forçado, aos degredados era promulgado pôr “cobro e cuidado na proibição do uso de sua língua”, bem como o ensino aos seus filhos, com vistas à extinção do idioma, como bem demonstra o decreto de 11 de abril de 1718 (MORAES FILHO, 1981, p. 26). Semelhantemente ao que aconteceu com os povos indígenas e outros povos minoritarizados do Brasil, os ciganos também foram incluídos no plano de unificação da língua nacional. No entanto, as línguas faladas por pessoas ciganas continuaram (re) existindo e sendo (re)elaboradas ao longo desses cinco séculos no Brasil. Teixeira (2000) cita relatos de alguns viajantes não ciganos que presenciaram o uso de línguas diferentes do português falado no Brasil no início do século XIX. Mais tarde, conforme Moonen (2010?), Moraes Filho (1981 [1885; 1886]) e José Batista d’Oliveira China (1936), que inauguram os estudos ciganos no Brasil, também citaram a presença de línguas ciganas.

Alguns estudos na área da Antropologia trouxeram contribuições importantes para se pensar a relação entre ciganos e língua (GOLDFARB, 2013; FERRARI, 2010; SILVA, 2010; MONTEIRO, 2019). A linguística brasileira só se aproximou da questão da língua entre os assim chamados ciganos no fim da década de 90, seguindo pela primeira década dos anos 2000. É isso que se pode ver nos trabalhos de Do Couto; Vieira e Macedo (1998); Vieira e Macedo (1999); Bessa (2001); Melo (2005; 2008); Murata (2010). Porém, esses investimentos no campo da Linguística se limitaram a observar apenas as línguas ciganas dos colaboradores de suas pesquisas, contudo, sem enfatizar a complexidade na interação discursiva e uma reflexão mais adensada sobre essa realidade plurilinguística vivenciada em comunidades ciganas do Brasil. Fora do escopo dessas pesquisas também está a aquisição da linguagem de crianças ciganas e o aprofundamento dessa questão com o ensino e aprendizagem de língua portuguesa na escola.

Dito isso, pretendemos, nesse trabalho, apresentar momentos do contexto multilíngue no período de aquisição da linguagem em uma comunidade cigana Calon situada em Sousa, no sertão da Paraíba, a partir de interações entre adultos e crianças. A pergunta que direciona nossa discussão é: que aspectos linguísticos-discursivos (verbais e não-verbais) estão presentes nas interações no percurso da aquisição da linguagem nessa comunidade e ilustram uma aquisição plurilíngue?

Fizemos uma busca por meio do descritor ‘aquisição da linguagem *AND* ciganos’ na Biblioteca de dissertações e teses (BDT), no Portal de periódicos Capes e no *Scholar Google* para um levantamento das pesquisas que discutissem a aquisição da linguagem entre comunidades ciganas do Brasil nos últimos 20 anos. Essa busca recuperou a pesquisa de Lima (2017) que abordou a temática da aquisição da linguagem entre os Calon de Sousa-PB a partir de um ponto de vista linguístico-discursivo, discutindo com a perspectiva dialógica de língua proposta por Bakhtin e o Círculo⁵ e a perspectiva multimodal que considera o gesto e a produção vocal formadora de uma única matriz de significação (McNEILL, 2000, 2006; KENDON, 2000; KITA, 2009; CAVALCANTE, 2012; CAVALCANTE, *et al.*, 2021). Nesse sentido, esse trabalho que se desdobra desde 2016, se justifica pela lacuna que existe entre as questões que envolvem linguagem e comunidades ciganas no Brasil, sobretudo, em relação à aquisição da linguagem nessas comunidades.

Uma busca em andamento com descritores em inglês no âmbito internacional têm encontrado dados de aquisição da linguagem por crianças ciganas de outros países que se mostram pertinentes para se refletir sobre uma aquisição plurilíngue entre ciganos no Brasil. Entre estes, à guisa de antecipação, os trabalhos do linguista rom Hristo Kyuchukov que desde a década de 90 tem se dedicado ao assunto, discutindo sobre a educação de crianças ciganas de países como Bulgária, Eslováquia, República Checa, Croácia, Macedônia e Sérvia, mostrando evidências do despreparo da Escola para atender à crianças ciganas bilíngues, trilíngues; evidenciando a segregação de crianças ciganas em escolas “especiais” após testes realizados na língua da sociedade envolvente que não é a língua materna dessas crianças, entre outros aspectos da socialização da linguagem em comunidades ciganas como, por exemplo, a forte presença da oralidade por meio de jogos de linguagem, narrativas e ideologias linguísticas.

No Brasil, a ideologia linguística central das comunidades ciganas é de que os ciganos não devem ensinar suas línguas para não ciganos (DANTAS DA CRUZ; FIGUEIREDO, M; SOARES, 2021). Assim, não é possível olhar para uma língua cigana em seus aspectos gramaticais. Considerando isso, as reflexões aqui colocadas estão no horizonte da filosofia da linguagem de Bakhtin e o Círculo, para quem a língua é compreendida como *ideologicamente preenchida* (BAKHTIN, 2015 [1934/6]).

⁵ Foi um Círculo de pensadores com diversos interesses que se reuniu entre 1919 e 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado). Entre os membros estavam: Bakhtin, Volóchinov e Medvedev (FARACO, 2009).

Metodologicamente⁶, optamos por um estudo de campo de caráter qualitativo e longitudinal, estruturado por meio de uma Linguística da escuta (PONZIO, 2010, 2018; CARACELLI, 2012). Assim, foi do encontro de palavras que nasceram os sentidos traduzidos aqui. Os recortes que apresentados nesse trabalho fazem parte de um *corpus* maior, constituído entre 2015 e 2016 em uma comunidade de ciganos Calon na cidade de Sousa-PB⁷. Os dados são de duas crianças ciganas de etnia Calon em situações cotidianas de interação com adultos do seio familiar. A coleta dos dados durou oito meses e se deu por meio de registros de vídeo-gravações.

Esse artigo foi construído a partir do diálogo entre uma linguista não-cigana e uma pedagoga *Calin*⁸ e apresenta *uma* compreensão desse contexto plurilíngue no decorrer da aquisição da linguagem de um menino (entre 16 e 24 meses) e uma menina (dos 18 aos 26 meses) no percurso da aquisição da linguagem⁹. A discussão apresentada não busca generalizar os dados encontrados, visto que há um ‘sem número’ de manifestações do fenômeno da ciganidade (SHIMURA, 2017), mas espera suscitar a reflexão das particularidades existentes a partir de um ambiente multilíngue no qual as crianças desse estudo estão inseridas.

Os dados analisados nesse trabalho apontam para a presença de um ambiente multilíngue. É possível compreender isso por meio das particularidades presentes nos enunciados que compõem a interação entre crianças e adultos: (1) conteúdo axiológico de dupla constituição: (1a) Fomenta a interação *eu-outro* entre Calon em presença de não ciganos (podendo ter nuances a depender da relação estabelecida com o/a *juron/jurin* presente); (1b) Colabora no processo de inserção da criança no *horizonte concreto-semântico* dos Calon, ou seja, no sentimento de pertencimento; (2) Bem como presença de outras expressões (sinais, gestos, entonação, palavras etc.) que emergem da interação entre pares e possuem, em alguns momentos, apenas um conteúdo vivencial, mas que constituem a maneira como os Calon, em Sousa, apreendem o mundo.

O CONTEXTO MULTILÍNGUE NA COMUNIDADE CIGANA DE SOUSA-

⁶Este estudo seguiu a normativa da Resolução 466/2012 e Norma operacional 001/2013 que aborda pesquisas com seres humanos. Para tanto, o referido estudo foi enviado para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP-CCS). O projeto foi aprovado por unanimidade por este referido comitê técnico e assim codificado: CAAE 51565815.80000.5188.

⁷A cidade de Sousa fica no sertão do estado da Paraíba. Possui área territorial de 728.492 Km² e 69.997 habitantes (IBGE).

⁸Palavra da *chibi* que significa ‘mulher cigana’.

⁹Para este trabalho apresentamos apenas três recortes. Para uma visão geral dos dados do menino podem ser consultados em Lima (2017). Os dados da menina estão em análise na construção da tese desta mesma autora.

-PB

Estudos etnográficos evidenciam a presença de ciganos em pelo menos 24 cidades no Estado da Paraíba: Cajazeiras, São João do Rio do Peixe, Marizópolis, Sousa, Aparecida, Condado, Patos, Juazeirinho, Soledade, Campina Grande, Fagundes, Esperança, Araçagi, Sapé, Itapororoca, Mamanguape, Mataraca, Capim de Mamanguape, Marcação, Bayeux, João Pessoa, Bonito de Santa Fé, Ibiara, Teixeira (MONTEIRO, 2015). É importante ressaltar que cada comunidade cigana vai apresentar suas maneiras de manifestar sua ciganidade. Assim, dentro do mesmo grupo étnico, como no caso, os Calon, haverá nuances diferentes em todos os aspectos, inclusive no linguístico (DANTAS DA CRUZ, FIGUEIREDO, SOARES, 2021; SHIMURA, 2017).

É na cidade de Sousa que se registra o maior número de ciganos do Estado da Paraíba. Eles são da etnia Calon (FIGUEIREDO, M; 2020, 2021; FIGUEIREDO, F; 2021). A década de 80 foi um marco para que a ‘parada para morar’¹⁰ acontecesse. O líder de uma das comunidades ciganas no município de Sousa - PB, Francisco Figueiredo, também conhecido como “Coronel”, confirma os dados levantados por outras etnografias realizadas nas comunidades ciganas em Sousa¹¹ em seu livro intitulado *Calon: história e cultura cigana* (2012, p. 25):

No final da década de 70, como que fosse premeditado, os ciganos começaram a deixar a vida de andarilho encerrando definitivamente no ano de 1982, mesmo contra sua vontade eles foram obrigados a morar em casa de taipa, porque seu principal comércio tinha deixado de existir, que era a troca com animais e também a lida de mão. Passando então a negociar com relógios, rádios, TVs, cordões, pulseiras, e outros objetos de pequenos valores, tornando assim a sua vida mais difícil a cada dia que se passava.

A ‘Parada para morar’, em Sousa-PB, foi um processo que teve início no fim dos anos 70 e concretizou-se no ano de 1982 e ocasionou mudanças no estilo de moradia e comércio dos ciganos da cidade de Sousa. Embora mais de trinta e cinco anos tenham se passado desde esse momento, a sociedade envolvente continua a compreender e propagar representações estereotipadas dos Calon. Acrescentamos aqui o apagamento e o silenciamento como mecanismos discursivos de invisibilização dessas comunidades ciganas. Daquilo que não se fala, daquilo que não se escuta, não se lembra.

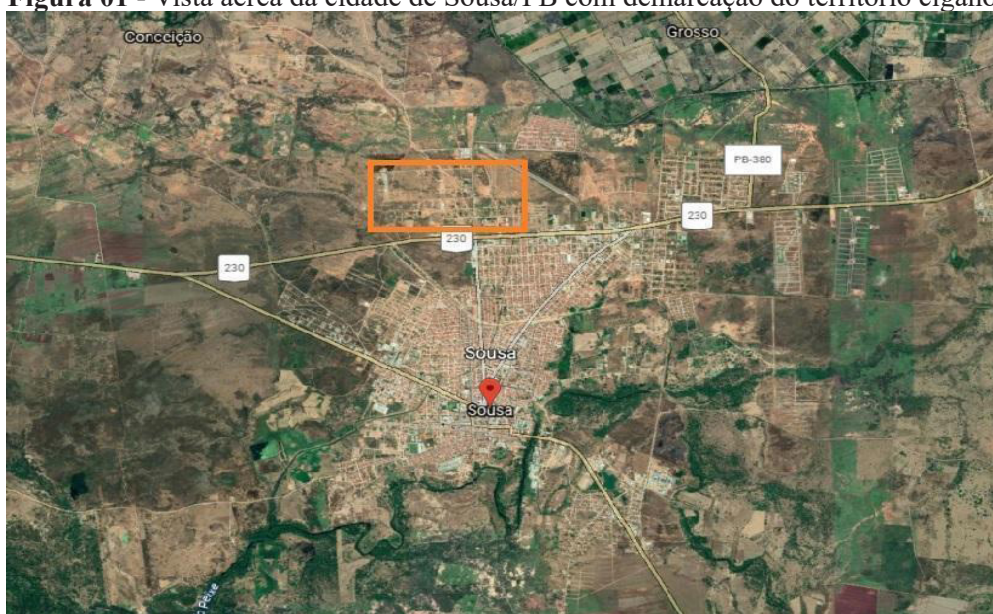
¹⁰Termo ênico para se referir ao tempo oposto no qual os ciganos Calon de Sousa viviam uma situação de nomadismo.

¹¹Ver Moonen (1994), Siqueira (2012).

O terreno onde estão fica localizado às margens da BR 230, a uma distância de 3 km do centro comercial da cidade. Há algum tempo a comunidade se dividia em dois ranchos: o *Rancho de Cima* e o *Rancho de Baixo* - com suas respectivas lideranças. No entanto, hoje é possível observar três subdivisões na comunidade Rancho de Baixo, lideradas por três pessoas (MONTEIRO, 2019).

A Figura 01 a seguir mostra uma vista aérea de Sousa-PB com a marcação em branco do território dos ciganos e logo depois a Figura 02 apresenta a vista aérea do Rancho de Cima, com um destaque em amarelo para a localização do Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI) - construído e inaugurado, em 2009, por Edson Santos, até então, Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPPIR) com vistas a oferecer às comunidades ciganas um espaço para promoção e preservação da cultura.

Figura 01 - Vista aérea da cidade de Sousa/PB com demarcação do território cigano.



Fonte: As autoras. Base: Google Earth – obtida em 04 de outubro de 2021

Figura 02 - Vista aérea do Rancho de Cima e do Centro Calon de Desenvolvimento Integral



Fonte: As autoras. Base: Google Earth – obtida em 03 de outubro de 2021

O olhar e a compreensão de pelo menos duas estudiosas da temática cigana nos ajudam a apresentar os ciganos Calon de Sousa-PB. Ao realizar uma pesquisa etnográfica, Goldfarb (2013) argumenta que a identidade dos Calon em Sousa-PB se dá a partir de elementos diacríticos, ou seja, sinais sociais elencados pelos sujeitos como propriedade do grupo. Goldfarb (2013) ainda destaca que o sangue e a memória coletiva de um passado nômade, bem como a língua cigana compartilhada na comunidade são elementos selecionados pelos Calon para afirmarem sua identidade em relação aos não-ciganos de Sousa-PB.

Já Monteiro (2019) considera que a noção de pertencimento Calon pode ser pensada dentro de ‘idiomas’ do sangue e da socialidade que estão articulados na/para produção de pessoas dentro de uma perspectiva relacional. Tal compreensão vai além dos estudos anteriores realizados neste mesmo campo de pesquisa porque ao observar os mecanismos relacionais entre *Calon* e *Juron*, Monteiro (2019) aprofunda a reflexão para se pensar as relações entre os membros da comunidade e assim, compreender as nuances de ser e ser reconhecido como pessoa Calon no interior da comunidade. Outra contribuição que Monteiro (2015, 2019) traz é que para os Calon, que colaboraram com

as pesquisas dela, os períodos de existência da vida não se limitam a faixas etárias como são compreendidos na sociedade envolvente, mas são entendidos dentro de uma lógica regida por ritos de passagem como, por exemplo, o casamento e a chegada dos filhos. Para essa pesquisadora, os modos de sociabilidade entre os Calon estão imbricados com a forma como eles estabelecem os períodos da vida.

Monteiro (2019) ainda discute a centralidade de uma aprendizagem Calon que difere da educação escolarizada, pois tem como princípio o ensino e aprendizagem do que é ser Calon ao longo de toda a vida; mas tendo a infância como um importante momento para intensificar esses ensinamentos.

Goldfarb (2013) comenta que em Sousa - PB, os ciganos falam língua portuguesa com uma variação e um sotaque regional próprio, bem como verificou que existia um dialeto específico. Quanto a essa nomenclatura, de maneira geral, os estudos de diversas áreas trazem o nome 'dialeto'. Não há um consenso sobre a terminologia, dado que não é possível nomear "de fora" sem um estudo descritivo e de escala nacional os modos de falar em comunidades ciganas. Se isso não é acessível dada às políticas linguísticas das comunidades ciganas, consideramos pertinente problematizar a terminologia e escutar o que os falantes têm a dizer.

Recentemente, o Coletivo Ciganagens (2021) - criado em 2019 pelo Calon Danilo Amaral (Artista Plástico) com o objetivo de articular vivências, cultura e diversidade dos povos ciganos com atenção à multiplicidade e com narrativas enunciadas por eles; hoje aglutina outras vozes Calon do Brasil como a Sarah Macedo (Advogada e Mestre em Direito Agrário), Roy Rogers (Jornalista, cursando Mestrado em Estudos da Universidade) e Marcilânia Alcântara (Pedagoga, graduada em Educação Física e pós-graduanda em Neuroaprendizagens e Práticas Pedagógicas - se posicionou a partir de uma perspectiva decolonial, propondo a reflexão de que nomear como dialeto as variações linguísticas de comunidades ciganas do Brasil pode favorecer uma diminuição da importância e prestígio dessas línguas.

Na direção dessa discussão proposta pelo Coletivo Ciganagens (2021) e das palavras de Nhampoca (2020) que ressalta que a nomenclatura e estatuto de uma língua são dados por seus falantes, pela razão que o conceito de língua pode ser diferente da concepção de língua proposta por uma Linguística eurocêntrica de vertente formal, é que nesse trabalho adotamos a categoria êmica, ou seja, língua cigana/ línguas ciganas e não a terminologia de dialeto.

Sobre o modo como ciganos falam o português brasileiro, Monteiro (2019) percebeu essa maneira diferente de entonação, e compreendeu que ao falar em português

os Calon performatizam um “jeito de falar cantando”. Essa autora traz um recorte que ilustra um momento que, por meio de uma chamada telefônica, uma pessoa de mais idade ensina como a mais jovem deve se dirigir ao outro com uma entonação mais demorada que denote saudade e sofrimento em determinadas situações.

Quanto a esse sotaque no modo de falar português mencionado por Goldfarb (2013) e Monteiro (2019) acrescentamos que essa particularidade não se verifica no falar das pessoas não ciganas de Sousa-PB. Contudo compreendemos como Monteiro (2019) que esse modo de entonação e ritmo é uma performance para determinados contextos, assim, se apresenta com nuances a depender da relação e do assunto do qual se fala. Isso pensado à luz da filosofia da linguagem de Bakhtin é algo comum na interação, já que toda expressão exterior é ativa e objetiva por natureza e tendência (VOLOCHÍNOV, 2013 [1926]). O que acresce nesse modo de interação é a ocupação de uma posição ativa ancorada nos valores determinados, que nesse caso é a cosmovisão Calon.

Além dessas nuances, notamos que em alguns enunciados os Calon da cidade de Sousa-PB colocavam sempre os artigos definidos ‘a/o’ antes de antropônimos (nomes próprios) - por exemplo: “a Rita”, “a Mari”. Esse uso parece interessante porque não é motivado por uma variação nem local, nem regional. Em geral, os demais sousenses não ciganos não fazem uso do artigo definido nem mesmo para destacar um grau de familiaridade com o referente.

Assim, só um estudo mais profundo sobre esse modo particular de falar entre os Calon de Sousa é que pode trazer uma compreensão do fenômeno de ausência/presença do artigo definido antes de antropônimos. Supomos que o uso pode estar ancorado no período em que esses Calon eram nômades e acabaram incorporando essa particularidade de uso por meio da interação com não ciganos de Estados onde o fenômeno destacado é comum. Outra especulação é de que esse modo particular pode ter raízes em um português de séculos passados, algo que merecia uma observação e reflexão mais demorada, buscando o sentido êmico desse uso e se há ou não momentos específicos de usos e outras raízes.

É por meio da língua portuguesa que os Calon interagem com a sociedade envolvente. As crianças também aprendem desde cedo e chegam à educação infantil¹² com um certo grau de proficiência para acompanhar as atividades escolares. No entanto, conforme refletimos a partir das vivências narradas por Marcilânia (enquanto professora de uma escola que fica território das comunidades ciganas) não é possível dizer que todas

¹²Há no território da comunidade a Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmã Maria Irides Holanda Lavour que atende crianças ciganas e não ciganas. Inclusive, a Calin Marcilânia é professora nesta instituição de ensino.

as crianças chegam à escola com o mesmo grau de proficiência, dado que a aquisição da linguagem se dá em um contexto multilíngue. Ou seja, para muitas crianças o português falado na escola parece ser uma outra língua. No entanto, a escola é também um espaço no qual as crianças ciganas mobilizam tanto a *chibi* quanto a língua portuguesa para interagir entre pares, e ao encontrar uma escola que conhece e valoriza a socialização de crianças ciganas; estas tão logo continuamente avançam na competência plurilíngue.

Essa questão linguística pode ser pensada dentro do que Ferrari (2010) compreendeu sobre a língua portuguesa compartilhada entre os ciganos da pesquisa feita com as famílias Calon do Estado de São Paulo. Ao falar em português, os ciganos acionam e articulam sentidos do modo particular Calon de ver o mundo. Assim, muitas palavras do português podem ter a mesma escrita, porém com sentidos distantes daqueles compartilhados entre falantes de português da sociedade envolvente.

Como professora, a Calin Marcilânia compreende que é urgente que a Escola esteja sensível a essa questão linguística entre ciganos e que a considere dentro do currículo tanto no compartilhamento dos conteúdos como também na maneira como avaliam crianças ciganas. Isso foi algo que refletimos como um ponto a discutir sobre a recepção de crianças ciganas na escola e a forma de avaliá-las olhando suas singularidades e valorizando suas potencialidades.

Além do português, em Sousa, os Calon falam uma língua denominada *Chibi*. Com relação à língua cigana em Sousa, Figueiredo, Marcilânia (2021) explica que a língua de sua comunidade funciona como um código de defesa. Dadas as perseguições que povos ciganos sofreram e sofrem, partilhar uma língua apenas entre eles pode funcionar como um mecanismo de defesa frente a uma adversidade *juren*¹³. É também nessa língua que os Calon se veem como diferentes dos não ciganos. Além de ser um elemento para uma necessidade de defesa, a *chibi* também é usada para interagir em presença de não ciganos sobre assuntos diversos cujo teor não deve ser compreendido por *jurens*. Em síntese, notamos que esses e outros aspectos são ideologias linguísticas compartilhadas entre os falantes dessa comunidade.

Em anotações em diário de campo, uma das autoras desse artigo escreveu sobre a memória de uma vivência (a partir de seu lugar de pessoa não cigana) que ilustrou nuances dessa questão no uso da língua cigana local:

¹³ Palavra em *chibi* de Calon que significa não-ciganos.

Recordo que, estava sentada à mesa com Marcilânia conversando sobre atualização de seu Currículo *Lattes* e seu esposo falou algo tão rápido que não compreendi. Ele havia falado em chibi de Calon. Mais tarde, quando conversávamos sobre a aquisição da chibi, eles me perguntaram se eu tinha visto e compreendido um certo momento daquela tarde que ao se dirigir a Marcilânia havia escolhido a língua cigana para interagir em minha presença (Anotações no diário de campo em 2016 – Marilene Gomes).

A explicação para esse uso foi de que em determinados contextos é preferível usar a chibi por uma questão de polidez. O enunciado em chibi era para saber se era preciso ligar um ventilador para deixar o ambiente mais confortável. Esse uso da língua cigana - com uma polidez singular - está ligado a uma ideologia linguística local que compreende que em algumas situações, determinados enunciados não podem ser ditos em língua portuguesa.

Essa polidez como ideologia linguística pode ser pensada dentro do que Monteiro (2019, p. 288) entende como educação Calon: “[...] compreender como crianças e adultos ciganos dinamizam o processo da linguagem passa pela maneira de compreensão do ser cigano, sendo esses, processos imbricados e intrínsecos que vão sendo compartilhados ao longo da vida”. A pergunta feita pelo esposo de Marcilânia, caso fosse feita em português poderia ser motivo de constrangimento para a esposa já que a suposição era de que a *jurin* estava desconfortável, a passar calor por um involuntário descuido. Essa polidez mostra o cuidado e respeito que os Calon têm uns pelos outros.

Refletimos que o uso da chibi também tem função de inserir a criança na cosmovisão Calon, com o objetivo de prepará-la para a vida além da vivência com seus pares. Esses momentos acontecem, por exemplo, em interações de brincadeiras e jogos de linguagem. A presença de uma pessoa não cigana na comunidade é um potente momento para essa educação.

A chibi no contexto de Sousa-PB tem sua base na oralidade e a vida cotidiana com abertura para participação da criança fomenta sua aquisição. Esta aquisição *não* acontece da forma que ocorre como o português enquanto língua materna de uma comunidade monolíngue como, por exemplo, acontece com crianças que falam apenas português. Sua aquisição, como bem recorda Ferrari (2010) e Monteiro (2019), ocorre ao longo de toda a vida.

Como em todas as outras línguas, a chibi possui estrutura semântica dinâmica e uma mesma palavra pode se revelar com muitos significados a depender do contexto da enunciação. Como em todas as línguas, os sentidos das palavras da chibi

não caberiam em um dicionário, pois só se revelam na enunciação, graças à *mobilidade específica*¹⁴ que ultrapassa os limites de um sinal para as possibilidades do signo linguístico cujo sentido se realiza na interação.

Além do Português e da Chibi, o ambiente linguístico em Sousa-PB apresenta-se com riqueza ainda maior. Lima (2017) ao pesquisar sobre a aquisição da linguagem entre os Calon de Sousa-PB notou um número significativo de gestos emblemáticos nas interações entre os colaboradores ouvintes da pesquisa. Ao questionar sobre essa constatação, os sujeitos da pesquisa explicaram que na comunidade havia pessoas surdas e por meio dos “gestos” era que se dava a interação entre ouvintes e surdos e entre surdos e seus pares. Dado esse diálogo com o campo e estando no horizonte dos estudos sobre Multimodalidade que compreende que língua e gestos são componentes de um mesmo plano (KENDON, 2000; McNEILL, 1985; KITA, 2009), Lima (2017) comentou que apenas um estudo mais específico poderia responder se a existência dos ciganos surdos havia, ou não, sido fator para emergência dos emblemas.

Naquele momento, à essas particularidades, Lima (2017) e Lima & Faria (2019) nomearam de gestos emblemáticos e mencionaram a existência dos surdos na comunidade. O que ficou certo até aquele momento é que se se tratasse de sinais de uma língua emergente de sinais específica da comunidade, eles se presentificavam na interação de díades formadas por ouvinte-ouvinte tanto simultaneamente a palavras do português brasileiro como a palavras da chibi de Calon, ou com ausência de produção vocal.

Alguns membros da comunidade começaram, então, a refletir sobre o assunto. Recentemente, o Calon Antônio Alcântara (2021) da Comunidade Rancho de Cima realizou de forma online uma ação formativa¹⁵ chamada “Chibi Calin em Sinais”, fruto de sua iniciativa em registrar por meio de seus desenhos os sinais utilizados em sua comunidade e compilá-los em uma cartilha inédita. Alcântara (2021) explica que a recorrência de surdos em sua comunidade se deu pela quantidade de casamentos consanguíneos e que, ao longo do tempo, os pais foram criando esses sinais para estabelecer interação com os filhos surdos, promover inclusão e uma forma de defesa. No entanto, não ficaram restritos a apenas uma família e hoje, os sinais são compreendidos por surdos e ouvintes da comunidade Rancho de cima e das outras comunidades ciganas de Sousa-PB. Refletimos que as pessoas surdas dessa comunidade se constituem e

¹⁴Para Bakhtin/Volochínov (2014) todo signo linguístico é dotado de mobilidade específica, característica das línguas que permite que uma mesma palavra possa alcançar um ‘sem número’ de sentidos a depender do arranjo relacional.

¹⁵A ação formativa “Chibi Calin em Sinais” foi realizada com recursos da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc (Lei Federal no 14.017/2021 e suas alterações) com o apoio da Secretaria de Estado Cultura/Governo do Estado da Paraíba (Edital Corrinha Mendes (Socorro Mendes).

constituem seu próprio sentimento de pertencimento Calon, interação entre si e com os ciganos ouvintes através desses e outros sinais. Consideramos que, assim como as línguas de sinais indígenas, por exemplo, a língua de sinais dos ka'apor (LSK) (KUKUMASSU, 1968; GODOY, 2020), a língua de sinais terena (SOARES, 2018), os Calon de Sousa-PB também tenham uma língua cigana de sinais.

Sobre essa afirmação, retomamos o conselho que Soares (2018, p. 50) escreveu sobre línguas/possíveis línguas de sinais indígenas para refletir sobre o contexto linguístico dos Calon de Sousa-PB: “elas não devem ser consideradas um conjunto de sinais caseiros, quando se conhece apenas alguns de seus sinais, e nem uma língua autônoma, quando não existe certeza de que ela não constitui uma variedade de outra língua”. Ou seja, é necessária uma imersão dialógica em campo para compreender melhor essa particularidade linguística. Essa questão da emergência desses sinais na comunidade de Sousa-PB agrega a reflexão que o Coletivo Ciganagens (2021) fez ao trazer a nomenclatura no plural de Línguas Români - em detrimento da terminologia no singular - por ocasião do dia mundial da língua romani, reconhecido oficialmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 05 de novembro de 2015.

São poucos os estudos que mencionam os ciganos surdos no/do Brasil. Coelho (1982) relata os frequentes casos de surdez entre ciganos dado os casamentos consanguíneos. Também encontramos o trabalho de Santos (2015) sobre a inclusão escolar de uma criança cigana surda do Distrito Federal; Lima (2017) que menciona a questão da emergência de gestos emblemáticos na interação na comunidade cigana de Sousa-PB e Shimura (2019) que, ao visitar essa comunidade, teceu um comentário sobre a evidência de ciganos surdos e um modo particular de se comunicarem por meio de gestos, bem como menciona a presença de ciganos surdos em outras comunidades ciganas do Brasil.

Nesse contexto, o entendimento é de que a entrada das crianças ciganas Calon dessa comunidade na *corrente discursiva* está perpassada pelo multilinguismo. À medida que crescem, vão adquirindo competência plurilíngua por meio da interação. Por multilinguismo e plurilinguismo estamos considerando o que o *Common European Framework of Reference for Languages* – (CEFR) Quadro Europeu Comum de Referência (2001) explica: o conceito de multilinguismo está para a coexistência ou conhecimento de diferentes línguas em uma dada sociedade, enquanto o plurilinguismo, por sua vez, seria a competência comunicativa de cada indivíduo em mais de uma língua. Consideramos

que essa competência plurilíngue está diretamente ligada às ideologias linguísticas que a comunidade estabelece para cada língua.

Alguns estudiosos não ciganos que passaram por essa comunidade mensuraram a *chibi* de Calon como uma língua em estado de morte gradual e que os adultos não demonstravam preocupação com tal diagnóstico (MOONEN, 2011), e que esta língua havia ficado em um passado nômade, onde seu uso era “útil, justificável e ativo” (SIQUEIRA, 2012). Consideramos estas constatações feitas por meio do olhar de não ciganos como algo que limita o entendimento do complexo linguístico que é a comunidade cigana de Sousa, e como uma compreensão unilateral que desligada, em certo grau, do diálogo com a comunidade, tende a generalizar a compreensão de uma língua cigana e seus usos e ideologias linguísticas.

O ponto de vista teórico de onde olhamos para o contexto linguístico do campo de pesquisa nos distancia de posicionamentos como os de Moonen (2011) e Siqueira (2012). Primeiro porque ‘de fora’ e sob uma orientação apenas estruturalista não é possível mensurar uma realidade linguística. Segundo porque sugerir que o uso da língua cigana era ‘útil, justificável e ativo’ durante o período do nomadismo é esquecer que a língua não é algo estático, ela é dinâmica. Entendemos que mesmo diante de modificações que esta língua tenha sofrido em decorrência do colonialismo, do sedentarismo e imposição/contato com o português brasileiro, ela continua sendo um elemento escolhido, valorizado e acionado pelos *Calon* de Sousa para afirmar a identidade cigana.

Em linhas gerais, os estudos realizados nessa comunidade observaram mais a questão dos *Calon* como falantes da *chibi*, e apontam rapidamente os ciganos como falantes de língua portuguesa, sem aprofundamentos.

Na Linguística há alguns pontos de vista teórico-metodológicos sob os quais é possível estudar uma língua. Há também várias maneiras de pesquisar questões da aquisição em ambientes multilíngues. Nesse trabalho, as nossas reflexões foram tecidas com base em uma concepção de língua enquanto ponto de vista, conforme os postulados de Bakhtin e o Círculo¹⁶. A emergência de palavras da *chibi* de Calon, de gestos emblemáticos e sinais figurarão enquanto particularidades recorrentes em enunciados únicos e irrepetíveis proferidos tanto por adultos quanto por crianças em fase de aquisição da linguagem nesse contexto no qual coexistem no mínimo três línguas.

TECENDO UMA COMPREENSÃO DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NESSE CONTEXTO MULTILÍNGUE

Situado no princípio dialógico Bakhtin e o Círculo inserem uma nova maneira de pensar a língua, posto que Bakhtin (2015 [1934/6], p. 40) toma a língua “*ideologicamente preenchida*”. Esse posicionamento põe em evidência que os sujeitos situados - histórico e socialmente - ao agirem não usam unidades neutras, mas produzem enunciados concretos e únicos nas interações.

Outrossim, as palavras que compõem esses enunciados entram no discurso dos sujeitos “a partir de enunciações individuais alheias” e não por meio de seleção no sistema da língua (BAKHTIN, 2011[1952/3], p. 292, 293). Assim, vindas desse modo, estão carregadas de conteúdo ideológico. A palavra dita pelo outro vai, aos poucos, tornando-se nossa palavra, não apenas a palavra com sua neutralidade, mas a palavra carregada de tom valorativo, dita pelo ‘outro’ que interage e que marca seu lugar social.

Embora os estudiosos do Círculo não tenham se empenhado sobre a aquisição da linguagem, pode-se pensar sobre o assunto na esteira linguístico-discursiva, dado que “[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa *se forma e se desenvolve* em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. [...] Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (BAKHTIN, 2011 [1952/3], p. 294, 295 - grifos nossos). Amparadas nessas palavras, compreendemos que é no decorrer do processo da aquisição da linguagem que a criança começa a apreender o mundo através das experiências, perpassadas pela interação com o outro. Ora, se uma criança com desenvolvimento típico está em uma comunidade multilíngue, na qual os falantes adultos que a cercam compartilham de uma competência plurilíngue, essa criança vai ter o seu *despertar da consciência* (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]) dentro desse contexto.

Dentro de um contexto em que uma das línguas não é acessível na íntegra a não ciganos foi nos escritos de Bakhtin e o Círculo que encontramos uma maneira de olhar para a aquisição da linguagem nesse contexto específico. Assim, observamos, de forma geral, para a interação, que é a realidade fundamental de todas as línguas, de acordo com Volóchinov (2018 [1929]). E olhar por esse ângulo significa: observar as relações *eu-outro* no contexto no qual se dá a enunciação, seja o contexto imediato, seja o mais amplo.

Nesse horizonte, tudo que ocorre no momento da interação – a produção vocal, entonação, direcionamento do olhar e gestos – está prenhe de sentidos. Assim, consideramos, em consonância com Bakhtin (2018 [1929], p. 331) que em toda expressão

que o ser humano exprime exteriormente a faz de acordo com a relação que estabelece com o *outro* no momento da interação:

É extraordinariamente aguda a sensação do *eu* e do *outro* na palavra, no estilo, nos matizes e meandros mais sutis do estilo, na entonação, no gesto verbalizado, no gesto corporal (mímico), na expressão dos olhos, do rosto, das mãos, de toda aparência física, no modo de conduzir o próprio corpo. O acabamento, a presunção, o atrevimento, a desfaçatez, a afetação, a denguiçice (corpo se torce e dá voltas na presença do outro), etc. Em tudo através do que o homem se exprime exteriormente (e, conseguinte para o *outro*) - do corpo a palavra - ocorre uma tensa interação do *eu* com o *outro*.

Nessa e em outras passagens dos escritos dos pensadores do Círculo, notamos a direção de uma perspectiva multimodal de língua, na qual todos os recursos semióticos são considerados importantes para o estabelecimento de sentidos na interação. Em consonância com esse alargamento retomamos as contribuições dos estudos sobre multimodalidade, mais especificamente os autores que discutem a relação entre produção vocal e gestos na interação.

Holler *et al.* (2014) argumenta que a comunicação face a face em humanos é uma atividade multimodal que envolve vários elementos. Dessa forma, conceber língua enquanto instância multimodal é entender que não só na produção vocal repousam os sentidos negociados na interação, fato que leva a considerar que outros elementos, tais como entonação, postura corporal, expressões faciais, olhar, bem como gestos, são plenos de sentido.

Como um dos planos que compõem a multimodalidade da linguagem, Souza e Faria (2010, p. 138) ao citarem Kerbrat-Orecchioni (1990) enquadram os gestos como linguagem não-verbal que “permeia todos os enunciados verbais em tamanha concordância (...), que os elementos verbais e não verbais formam um *continuum*, já que no curso da interação ambos os elementos podem se encontrar e funcionar em harmonia”. Para essas autoras, todo gesto realizado “traz algo a ser comunicado, visto que se constitui a partir de uma ação” (p. 137) Assim, ao recorrerem a Morato (2004) acrescentam que não existe ação ideologicamente nula, visto que toda ação acontece em um quadro social e, sendo assim, estão submetidas às “normas de gestão histórico-cultural”.



No tocante ao gesto, Kendon (2000) afirma que este e a fala são componentes de um único plano. Partindo de uma perspectiva semiótica e comunicativa, esse autor argumenta que é por meio da parceria entre o gesto e fala que os enunciados alcançam significado em interações na quais os participantes estão presentes, por exemplo.

McNeill (2006, p. 1) diz que “a palavra ‘gesto’ compreende múltiplos movimentos de comunicação que envolvem, principalmente, mas nem sempre, as mãos e os braços”. Embora alguns estudiosos assumam gestos como um canal distinto da fala, há investigações que desafiam esta visão tradicional. McNeill (2006) destaca, assim como Kendon (2000), que gesto e fala formam um único sistema.

De acordo com Goldin-Meadow (2005), o fato de fala e gesto acontecerem concomitantemente é natural. Contudo, ressalta-se que o gesto pode revelar-se em duas faces. Ao ser produzido junto com a fala, o gesto compartilha com o suprasegmento o peso da comunicação. Quando produzido com ausência de fala, o gesto assume toda a carga da comunicação, tornando-se semelhante à linguagem, agregando, inclusive, valores de categorias gramaticais. Dessa forma, essa autora considera que o gesto muda a forma de acordo com a própria função. Segundo Goldin-Meadow e Mylander (1990), estas faces do gesto puderam ser observadas ao analisar que gestos de apontar realizados por crianças surdas, por exemplo, não comportam apenas a questão da referenciação dêitica de objetos, mas também a especificação/identificação de objetos ou pessoas, compreendendo, dessa forma, que os gestos de apontar realizados por crianças surdas guardam funções próprias de um sistema linguístico.

Segundo McNeill (2006), Kendon (1982) organizou os gestos ao longo de um continuum, nomeado mais tardiamente por McNeill (1992) de *Kendon's Continuum*. Assim, na organização, quatro contínuos foram formulados de acordo com algumas características relacionais, a saber: O contínuo 01 trata dos gestos e sua relação com a fala, o contínuo 2 diz respeito às propriedades linguísticas, já o contínuo 3 informa quanto à relação gesto-convenção, por fim, o contínuo 4 trata da relação do caráter semiótico. Contemplemos a sumarização no quadro a seguir:

Quadro 01 – *Kendon's Continuum*

Movimentos considerados gestos 				
<i>Contínua</i> 	Gesticulação	Pantomima	Gesto Emblemático	Língua de Sinais
Contínuo 1 Relação com a fala	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala

Contínuum2 Relação com propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
Contínuum3 Relação com convenções	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuum4 Quanto ao caráter semiótico	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Fonte: As autoras, com base em McNeill, 2000, p. 5-10.

Com relação à gesticulação, diz-se que é o movimento que acompanha a fala sendo comum seu uso em todas as línguas. Realiza-se, em geral, usando os braços e as mãos, porém, não se restringe ao uso apenas dessas partes do corpo (MCNEILL, 2006).

Os emblemas são sinais convencionalizados numa determinada cultura, assim, podem variar quanto à forma e ao conteúdo de expressão. Ao emergirem na ausência de fala, ainda se nota que carregam o significado que lhe fora convencionalizado. Outro detalhe é que os emblemas têm raízes históricas tão profundas quanto às da língua na qual ocorrem (MCNEILL, 2006).

Já a pantomima, McNeill (2006) diz que se configura enquanto gestos ou sequência de gestos que formam uma narrativa de uma ação cotidiana sem presença de fala. Atenta-se para a questão desse conceito ter sido adquirido através de estudos com adultos. Como revisa Cavalcante (2012), no período da aquisição da linguagem, há uma peculiaridade a respeito dos gestos pantomímicos, uma vez que estes tipos gestuais ocorrem, mais especificamente, em contextos lúdicos entre mãe e bebê. Cavalcante (2012) explica que na fase aquisicional, as pantomimas ocorrem também com presença de produção vocal no *lôcus* interativo mãe-bebê.

Por fim, as línguas de sinais. Nessas, os sinais se apresentam em substituição da produção vocal, apresentando estrutura linguística própria, tais como padrões gramaticais, acervo lexical, padrões morfológicos e outros (MCNEILL, 2006). É importante ressaltar que, segundo Gesser (2009), as línguas de sinais, assim como qualquer língua oral, apresentam-se com variações linguísticas que são motivadas pelos mesmos fatores (sociais, econômicos, geográficos) que ocasionam variações nas línguas orais. Também é relevante dizermos que as línguas de sinais apresentam gestos entremeados ao seu

repertório lexical, como explica Klima e Bellugi (1976) ao estudar a língua de sinais estadunidense e Godoy (2020) ao estudar a língua de sinais dos indígenas ka'apor.

O fato de os gestos e seus sentidos estabelecerem uma relação direta com o meio social no qual emergem, aponta para uma imbricação entre cultura-língua-gesto. Essa proposta também foi defendida por Efron (1941), Kita (2009), Calbris (2011) entre outros.

De acordo com Kita (2009), o fato de nos expressarmos através da fala é universal e cultural, então não é de se admirar que, até o presente momento, não nos deparamos com o relato da existência de uma cultura na qual não haja coexistência de fala e gestos. Porém, dada essa universalidade, a forma como os gestos emergem nas interações pode variar entre culturas.

Kita (2009) elabora uma revisão sistemática na qual reúne trabalhos de diversos estudiosos que tratam sobre a relação gesto-cultura. O agrupamento destas pesquisas o levou a delimitar pelo menos quatro fatores que influenciam a variação transcultural dos gestos: convenção-para associações de forma-significado; cognição espacial; diferenças linguísticas; e a pragmática gestual. Nesse trabalho nos detemos ao primeiro fator e ao seu desdobramento no que tange ao contexto cultural. Dessa forma, a categoria de gestos emblemáticos (KENDON, 1982) nos servirá nas análises dos recortes apresentados nesse trabalho.

Movemo-nos dentro do primeiro fator 'Convenção forma-significado' mais especificamente nos centramos na realidade ambiental. Concordamos que cada cultura tem um conjunto distinto de gestos convencionalizados e em nossa compreensão, esses quatro fatores abarcam, assim, outros possíveis desdobramentos. No entanto, em se tratando dessa ubíqua relação, é preciso enfatizar que essas diferenças se revelam ainda mais importantes se compreendidas além de sua imanência, isto é, na interação discursiva, sendo necessário considerar uma reflexão sobre o caráter axiológico, dado que “[...] Entonando e gesticulando, o homem ocupa uma posição social ativa com respeito a certos valores determinados pelas mesmas condições de sua existência social” (VOLÓCHINOV, 2013 [1926], p. 85).

Destacamos que no contexto dessa pesquisa há um significativo uso de sinais, compreendido pelos falantes ouvintes e surdos como uma língua de sinais, também observamos, de maneira superficial, a questão do uso de sinais, principalmente no recorte 03 analisado nesse artigo que traz uma interação entre criança ouvinte e uma adulta surda que na cena oraliza e sinaliza, compreendidas aqui como bilíngues bimodais. Segundo Quadros, Lillo-Martin e Klamt (2020, p. 5544) os bilíngues bimodais possuem “duas línguas em modalidades diferentes: uma visual-espacial (língua de sinais) e uma oral-

auditiva (língua falada)”. Os bilíngues bimodais podem sobrepor as duas línguas pois enquanto na modalidade falada utilizam a boca e os ouvidos e na língua de sinais utilizam mãos, face, tronco.

Dito isso, apresentamos três recortes¹⁷ nos quais adultos e duas crianças ciganas Calon interagem e, assim, ilustramos o contexto multilíngue no qual essas crianças entram na corrente discursiva, e a partir de onde elaboram e reelaboram as línguas que circulam na comunidade a partir das relações *eu-outro* estabelecidas.

Recorte 01

Participantes: Criança (CRI), Mãe (MÃE), Observadora (OBS)

Idade da CRI: 17 meses e 6 dias

Data: 11/07/2015

Local: casa dos pais

Contexto: mãe e criança brincando no chão

Figura 03 - Interface do contexto interativo do recorte 01



Fonte: As autoras

- | | | |
|---|-----|--|
| 1 | CRI | {olha para os bombons} |
| 2 | MÃE | quem deu o bombom? quem deu o bombom a tu? {alterna o olhar entre os brinquedos e a criança} |
| 3 | CRI | <i>in::</i> {alterna o olhar entre os brinquedos e os bombons} |
| 4 | MÃE | hein? {olha para a criança} |

¹⁷As transcrições foram organizadas da seguinte forma: Para produção vocal usamos chaves *{}*; colchetes *[]* para os gestos e sinais; e parênteses *()* para o direcionamento do olhar. Os trechos em itálico destacam as particularidades de cada cena.

- 5 CRI *in.:* /aponta em direção a sua pálpebra inferior/ {olha para a pesquisadora}
- 6 MÃE foi a *jurin* foi? [=! Risos] /aponta em direção a sua pálpebra inferior/ {olha para a pesquisadora e depois para a criança}

Esse primeiro recorte apresenta um momento de interação entre mãe e criança brincando no chão da garagem de casa. Destacamos que essa díade é formada por ouvintes e a observadora/pesquisadora que registra a cena é uma mulher não cigana no contexto da enunciação. O foco do diálogo estava nos brinquedos que a mãe retirava aos poucos da caixa ao lado para a criança. Entre carrinhos, animais de plástico, bonecos e outros objetos havia alguns bombons que a observadora tinha dado para a criança.

O que nos chama a atenção nesse excerto é, inicialmente, a troca de língua que a criança faz para responder à pergunta feita pela mãe no turno 1 (“quem deu o bombom? quem deu o bombom a tu?”). Para responder, a criança enuncia um recorte da palavra *jurin*, que pertence à língua chibi de calon e é compartilhada entre os ciganos de Sousa-PB. Até aquele instante, a interação estava se dando em língua portuguesa e o uso desse léxico pela criança desencadeia a necessidade de checagem pela mãe, pois no turno 4, ela se dirige novamente à criança e pergunta: “hein?”. Da segunda vez que responde, o filho lança mão do olhar, combinado à palavra em chibi e ao gesto emblemático, que se arranjam para se referir à observadora *jurin*.

Frente à essas palavras da criança, a mãe esboça um tom de felicidade e divertimento por ver o filho adentrando nos valores compartilhados pela sua comunidade, isto é, a aprendizagem da língua cigana local em um contexto concreto de compreensão de quem é e de quem não é Calon. Isso é observado no turno 6 por meio da entonação expressiva com a qual a mãe diz: “foi a *jurin*, foi?”, simultaneamente ao esboço facial de alegria, do gesto emblemático e do riso. Todo esforço em repetir a pergunta e a valoração em torno dos enunciados em chibi nos recorda o que Monteiro (2019, p. 288) discute sobre a centralidade da linguagem na educação e constituição da pessoa cigana: “o chibi unifica os sujeitos que o compartilham, no sentido de serem pertencentes ao mesmo contexto de significados”. Nessa direção, consideramos a presença da observadora não cigana como um importante momento para essa constituição e exercício de ser calon.

Ressaltamos que o gesto emblemático (KENDON, 1982) que ocorre concomitantemente às produções vocais ‘*in*’ e ‘*jurin*’ da criança e da mãe, respectivamente, têm forma e conteúdo partilhado pelos membros da comunidade cigana Calon na qual essa família está inserida. Dentro do escopo de Bakhtin e o Círculo, pensamos esse gesto específico como um *dêitico axiológico* (LIMA, 2017), pois para nós esse emblema tem o

mesmo *status* do apontar convencional, contudo, não faz referência apenas a localização espacial de uma pessoa não-cigana. Sua emergência, simultaneamente ou não às palavras *jurin* e *juron*, abarcam sentidos outros que marcam toda uma cosmovisão Calon que difere e entra em relação alteritária com os valores da sociedade envolvente. Pensamos esse gesto como sendo um sinal importante da língua cigana de sinais dessa comunidade Calon para a constituição do sentimento de pertencimento dos surdos ciganos, porém, só uma observação longitudinal e específica poderia confirmar essa nossa compreensão.

A criança recebe essas palavras e gesto alheios carregados com todos os tons valorativos constituídos pelos falantes de sua comunidade e a insere nos seus enunciados. Nessa relação alteritária a criança vai se constituindo por meio das línguas, nesse universo multilíngue. Adquire não apenas a estrutura das línguas e uma competência plurilíngue, mas adquire um modo de ver o mundo que a cerca, isto é, adquire línguas *ideologicamente preenchidas*, para usar um termo bakhtiniano. O que Bakhtin (2011 [1952/3], p. 292, 293) discute sobre a composição dos nossos enunciados sempre atravessados pelas palavras alheias nos serve para compreender a entrada da criança na corrente discursiva.

A criança - que nessa cena tem 17 meses - não reconhece a totalidade da dimensão axiológica que suscita a enunciação das palavras *jurin/juron*. Esse reconhecimento está em processo. No entanto, ela também não está adquirindo apenas o sinal linguístico neutro, pois como assegura Volóchinov (2018 [1929]) nem mesmo no processo de aquisição da linguagem a criança apreende apenas o meio técnico (sinal) que aponta para algum objeto ou evento, mas esse material e sua dimensão sónica são absorvidos dialeticamente pela consciência no processo da interação porque são dados em um contexto concreto de uso.

A análise do fragmento a seguir acompanha, basicamente, essas mesmas reflexões. Vejamos:

Recorte 02

Participantes: Criança (CRI); Mãe (MÃE)

Idade da CRI: 20 meses e 12 dias

Data: 01/11/2015

Contexto: Mãe e filho interagindo na área externa

Figura 04 - Interface do contexto interativo do recorte 02



Fonte: As autoras

1	MÃE	(olha para o céu e depois para a criança) {de(i)xe eu dizer (p)a(ra) tu. tu viu o monte de urubu que tinha no céu?} [aponta para o céu]
2	CRI	(olha para a mãe, para o céu e para a mãe) [balança a cabeça confirmando] (olha para alguém que está fora do foco da câmera)
3	MÃE	{viu?}
4	CRI	{viu}
5	MÃE	(olha para a criança) {e helicóptero? tu viu o helicóptero? viu?}
6	CRI	{olha para a mãe, depois para o céu, e em seguida para a mãe} [movimenta os braços] {inaudível}
7	MÃE	{o helicóptero? onde era que ele (es)tava?}
8	CRI	(olha para o céu) [aponta para o céu] {(c)éu}
9	MÃE	(olha para o céu) {no céu?}
10	MÃE	{aí como era que ele fazia?}

11	CRI	(olha para algo fora do foco da câmera) {[=!] faz som que imita helicóptero voando} [movimenta os braços imitando hélice de helicóptero]
12	MÃE	(olha para algo fora do foco da câmera) {[=!] faz som que imita helicóptero voando} [movimenta os braços]
13	MÃE	(olha para a criança) [aponta para o céu] {aí pulo(u) quem de dent(r)o do helicóptero?}
14	CRI	[<i>apontar que repousa logo abaixo da pálpebra inferior</i>] {o on} (olha para a mãe)
15	MÃE	(olha para a criança) [<i>com a mão em formato de apontar com o dedo indicador aponta abaixo da pálpebra inferior</i>] {o juron, foi? {[=!] risos}
16	CRI	(olha para a mãe e depois para algo fora de foco da câmera) {(f)oi}
17	MÃE	(olha para criança) {com o paraquedas(s), foi? {[=!] risos}
18	CRI	(olha para algo fora do foco da câmera) {foi}

No recorte 03, apresentamos novamente a mesma díade do recorte anterior. No contexto interativo dessa cena, a mãe insere a criança em um jogo de linguagem com perguntas cujo foco era ‘helicóptero’, um assunto que faz parte do repertório do filho, dado que próximo às comunidades ciganas de Sousa-PB tem um campo de pouso para aviões de pequeno porte, e de tempos em tempos é possível ver salto de paraquedistas.

Um primeiro elemento interessante para observar é que nesse jogo, para responder a pergunta feita mãe (linha 13) a criança traz um recorte da palavra em chibi de calon (linha 14): “o *on*” concomitantemente ao gesto emblemático que se configura como um apontar que repousa logo abaixo da pálpebra inferior. Essa matriz gesto - produção vocal no enunciado dito pela criança ocorre para dizer aquilo que, estando nesse lugar de pessoa Calon, só tem sentido enunciar através dessa palavra em chibi, ou seja, se referir a alguém que não é cigano.

Chamamos a atenção para a valoração que a mãe dá para esse enunciado do filho: ela esboça um sorriso de aprovação enquanto realiza o mesmo gesto e diz: “o *juron*, foi?”. Esse tom ilustra a satisfação da mãe ao perceber que o filho usou a palavra típica que as pessoas da comunidade cigana usam para falar sobre os não-ciganos (*juron*). A imagem a seguir evidencia o momento em que o mesmo gesto que emergiu no recorte 01 sendo realizado pela criança e reforçado pela mãe nesse outro momento de interação:

Figura 05 - Interface do contexto interativo do recorte 02



Fonte: As autoras

Na linha 15, a resposta da mãe, perpassada pelas línguas da comunidade, pode ser compreendida dentro de uma entonação que sustenta o sentido e garante a continuação do diálogo com um *sabor* a mais: o sentimento de pertencimento *Calon*, ou seja, tem um conteúdo axiológico que marca a alteridade *Calon-juron*.

Vejam os recortes 3, a seguir, que apresenta outra diáde.

Recorte 03

Participantes: Criança (CRI); Mãe (MÃE); Mabel (MAB)

Idade da CRI: 24 meses e 18 dias

Data: 29/11/2015

Contexto: Criança e adultos interagindo com brinquedos no chão.

Figura 06 - Interface do contexto interativo do recorte 03



Fonte: As autoras

- | | | |
|----|-----|--|
| 1 | MÃE | (olha para criança) {chame Mabel p(r)a toma(r) banho, chame} |
| 2 | CRI | (olha para Mabel) [<i>bate algumas vezes com a palma da mão no ponto mais alto da cabeça</i>] |
| 3 | MAB | (olha para criança) [<i>bate algumas vezes com a palma da mão no ponto mais alto da cabeça</i>] {aonde?} |
| 4 | CRI | (olha para Mabel) {inaudível} [aponta para o oeste] |
| 5 | MAB | (olha para a criança) {lá} [aponta para trás, em direção ao oeste] |
| 6 | CRI | (dirige o olhar para um fogão de brinquedo a sua esquerda) [<i>balança a cabeça confirmando</i>] |
| 7 | MAB | (olha para criança) {é?} |
| 8 | MAB | (olha para criança) [toca o braço de Camile com a mão {ó! Camile, ó}] |
| 9 | CRI | (olha para Mabel) |
| 10 | MAB | (olha para criança) {Camile} [<i>com a mão espalmada para cima na altura da boca, abre e fecha os dedos; boca aberta</i>] |
| 11 | CRI | (olha para Mabel) [<i>com a mão espalmada para cima na altura da boca, abre e fecha os dedos</i>] |
| 12 | MAB | (olha para criança) [<i>com a mão espalmada para cima na altura da boca, abre e fecha os dedos; boca aberta</i>] {come(r)} |

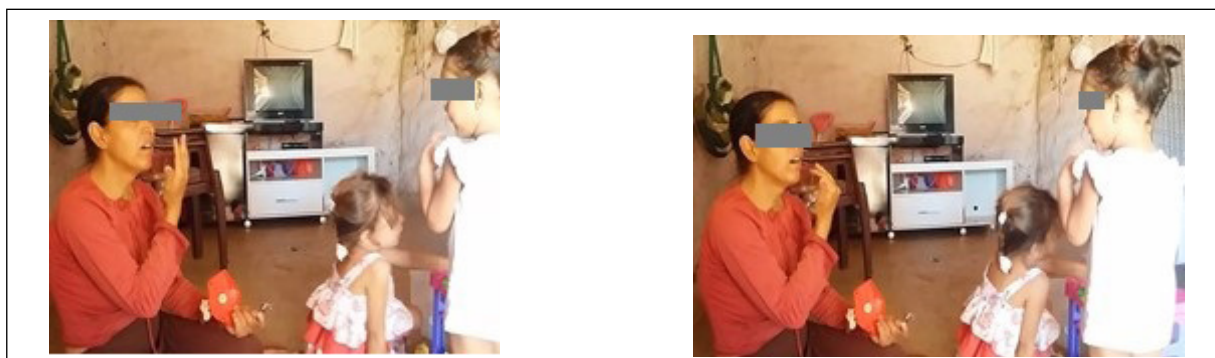
Diferentemente dos excertos anteriores, aqui não notamos nenhuma palavra em chibi ou com um conteúdo axiológico que aponte especificamente para o sentimento de

pertencimento Calon. O que nos chama atenção nesse fragmento é emergência de sinais usados por MAB (uma calin adulta surda trilingue) e uma criança ouvinte. Os enunciados proferidos em tais configurações apresentam, pelo menos, dois sinais compartilhados entre surdos e ouvintes dessa comunidade cigana.

Nessa cena, a criança responde ao pedido da mãe de maneira a lançar mão de um sinal (linha 02). Esse sinal também perpassa as interações em língua portuguesa entre ouvintes, figurando como gesto emblemático (LIMA, 2017). Conforme vemos na linha 04, MAB repete o mesmo sinal realizado pela criança e, em seguida, pronuncia a palavra da língua portuguesa 'aonde'. Ao que parece, estamos diante de uma interação bimodal, já que há a presença de palavras da língua portuguesa e léxico da língua de sinais usada nessa comunidade. De antemão, ressaltamos que esse bimodalismo precisa de aprofundamentos.

Em seguida, a criança se volta para um fogão de brinquedo que está no chão da sala. Para sustentar a interação através dos dois canais (oral e visual-gestual) MAB toca com a mão na criança e, assim, chama atenção ao passo que realiza o sinal para se referir a ação de 'comer' (linhas 08, 10 e 12). Vejamos, a seguir, as imagens que ilustram esse momento da interação, no qual a criança compreende o sentido do enunciado de MAB e repete o mesmo sinal (linha 11):

Figura 07 - O sinal comer realizado por adulta surda trilingue em interação com criança ouvinte



Fonte: As autoras

Esse movimento de abrir e fechar a mão em frente à boca pode ser encontrado na cultura da sociedade envolvente ouvinte categorizado como um gesto emblemático. Na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, ele figura como sinal. Nas observações em campo, notamos que essa ação flutua entre as línguas: ora funciona como gesto emblemático, ora como sinal nas interações entre os membros da comunidade. Assim, consideramos

a complexidade linguística de estabelecer uma fronteira entre as nomenclaturas de gesto e sinal nesse artigo e até mesmo a necessidade de observar situações de bilinguismo bimodal entre os Calon de Sousa-PB.

Também compreendemos o funcionamento da interação discursiva conforme Bakhtin (2018 [1929], p. 331) ao ressaltar que nessa tensa interação tudo que o *eu* faz “do corpo a palavra” para se exprimir o faz levando em consideração o *outro*. A criança ouvinte para entrar em relação com a adulta surda faz uso de um sinal compartilhado por ouvintes e surdos de sua comunidade (linha 2). A adulta surda para interagir com a criança ouvinte lança mão de duas modalidades: a visual-espacial (quando sinaliza) e a oral-auditiva (ao oralizar) durante toda a cena interativa.

Esse recorte traz mais uma vez o contexto dessa comunidade cigana, compreendido aqui como um ambiente no qual perpassa pelo menos três línguas, e no qual adultos e crianças vão se constituindo e adquirindo competência plurilíngue para estabelecer relações entre seus pares e com a sociedade majoritária.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os dados analisados nesse trabalho apontam para aquisição plurilíngue evidenciada por meio da presença de elementos das três línguas nos enunciados das interações das díades ‘adulta ouvinte - criança ouvinte’ e ‘adulta surda - criança ouvinte’. No horizonte da concepção de linguagem de Bakhtin e o Círculo compreendemos que essas crianças ciganas à medida que adentram nesse sistema multilíngue também vão constituindo-se enquanto Calon na/pela linguagem, apreendendo, assim, os posicionamentos valorativos de sua comunidade.

Para além da língua como sistema de categorias gramaticais consideramos que por meio da interação essas crianças assimilam a palavra do *outro* - que lhes chega saturada de sentidos e tons valorativos -, reelaboram e reacentuam essas palavras em suas interações. Os dois primeiros fragmentos analisados nesse trabalho evidenciam como a emergência das palavras *jurin/juron* e o emblema que as acompanha são valorados pelo adulto que compreende os múltiplos sentidos atualizados e invocados por essa matriz gestuo-vocal no contexto enunciativo. Compreendemos que o riso, a repetição da pergunta, o gesto emblemático e as expressões faciais do adulto confirmam nuances da inserção da criança no horizonte axiológico da comunidade cuja base é a alteridade *Calon-juron*.

Com relação à emergência de sinais, sobretudo no recorte 3 composto pela díade adulta surda/oralizada e criança ouvinte, supomos que nessa comunidade cigana há uma língua emergente de sinais e em consequência dela há interações bimodais. Essa é uma

discussão que demanda um trabalho de campo voltado especificamente para a questão da surdez entre os Calon de Sousa-PB. Por enquanto, os apontamentos aqui mencionados se inserem como reflexões iniciais para futuros estudos linguísticos sobre surdez e comunidades ciganas.

A existência de línguas ciganas no Brasil e a questão dos ciganos como falantes de língua portuguesa são temáticas ainda pouco mencionadas nas discussões linguísticas. Dadas essas considerações, supomos que a competência plurilíngue de crianças ciganas não é (re)conhecida pela escola e nem sequer suas formas de socialização. Em geral, considera-se que elas são proficientes em língua portuguesa, porém não conhece as nuances desse falar. Essa constatação infere que a ausência desse conhecimento por parte da escola pode gerar um ensino e aprendizagem não satisfatório e excludente para crianças ciganas.

Ressaltamos que a discussão aqui apresentada não busca generalizar os dados encontrados, visto que há um ‘sem número’ de manifestações do fenômeno da *ciganidade* (SHIMURA, 2017), o que inclui as formas de socialização linguística com aproximações e distanciamentos. Esperamos suscitar a reflexão das particularidades existentes a partir de um ambiente multilíngue no qual as crianças do estudo estão inseridas e na competência plurilíngue no percurso da aquisição da linguagem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade de ciganos Calon Rancho de Cima pela abertura e escuta generosa que permitiram a construção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. **Ação formativa**: chibi calin em sinais. Canal Youtube: Antônio Alcântara. Youtube, 27 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DLN_UUThMNQ&t=2s. Acesso em: 10 fev. 2022.

ÁVILA NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe–bebê**: a emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta. 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6511/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M; VOLÓCHINOV, V. N. Interação verbal. *In*: BAKHTIN, M. M; VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 114-132.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do Romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

CALBRIS, G. **Elements of Meaning in Gesture**. John Benjamins Publishing. Philadelphia 2011.

CARACELLI, C. Resposta de uma auscultação - um ato de compreensão: um encontro de vozes de Augusto Ponzio, João Wanderley Geraldi, Luciano Ponzio, Susan Petrili e Valdemir Miotello. *In*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe/UFSCar). **A escuta como lugar do diálogo: alargando os limites da identidade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012. p. 65-88.

CAVALCANTE, M. C. B. Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. **Revista de Letras** nº. 31, Vol. (1/2) jan./dez. 2012, p. 9-16.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B.; SILVA, P. M.; BEZERRA, J. T. G. M. (2021). Análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental. **Revista Diadorim**, 23(1). 2020, p. 245-27. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/39678>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COELHO, F. A. Os ciganos do Brasil. *In*: COELHO, F. A. **Os ciganos de Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional. 1892. p. 271-287.

COLETIVO CIGANAGENS. **O dia mundial das línguas Romani**. 05 de nov. de 2021. Instagram: @ciganagens. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciganagens/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

DANTAS DA CRUZ J; FIGUEIREDO, M. G. A; SOARES, M. J. **Povos ciganos: violências, resistências e conquistas**. Canal do Youtube: Coordenação de Ciências Sociais. Youtube, 7 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xvw5Y0SBVEc>. Acesso em: 07 out. 2021.

DEL RÉ, A; PAULA, L; MENDONÇA, M. C. Aquisição da linguagem e os estudos bakhtinianos do discurso. *In*: DEL RÉ, A; PAULA, L; MENDONÇA, M. C. **A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 17-30.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIGUEIREDO, M. G. A. **Povos ciganos**: violências, resistências e conquistas. Canal do Youtube: Coordenação de Ciências Sociais. Youtube, 7 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xvw5Y0SBVEc>. Acesso em: 07 out. 2021.

FIGUEIREDO, F. L. **Debate - Lideranças ciganas dialogam com senadores sobre o Estatuto dos Povos Ciganos**. Canal do Youtube: Canal do MPF. Youtube, 21 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w80WeNNC4aQ>. Acesso em: 07 set. 2021.

FIGUEIREDO, F. S. Calon: **História e Cultura Cigana**. 2. ed. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2012.

FERRARI, F. **O mundo passa**: uma etnografia dos ciganos Calon e suas relações com os Brasileiros. 2010. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-02082010-191204/publico/FlorenciaFerrari_2010.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

KENDON, A. Language and gesture: unity or duality? In: McNEILL, D. (Ed.) **Language and Gestures**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

KITA, S. Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review. **Language and Cognitive Processes**, v. 24, n. 2, p. 145-167, 2009.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: **Linguistic workshop of the Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma**. Summer Institute of Linguistics, Oklahoma, 1968.

GODOY, G. **Os Kaapor, os gestos e os sinais**. 2020. 386 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/861625.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

GOLDFARB, M. P. L. Calé: a alma do cigano. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e etnicidade entre os ciganos em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GOLDIN-MEADOW, S. The role of gesture in communication and thinking. **Trends in Cognitive Science**, v. 3, n. 11, p. 419-429, 1999.

LIMA, M. G. S. **Um olhar sobre a aquisição da linguagem criança cigana Calon.** 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/12048/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LIMA, M. G. S.; FARIA, E. M. B. Considerações sobre aquisição da linguagem de uma criança cigana Calon. **Revista Prolíngua**, v. 12, n. 2, p. 208-223, 2019.

MCNEILL, D. Gesture: a psycholinguistic approach. *In: The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2006. p. 1-15.

MOONEN, F. **Os estudos ciganos no Brasil: 1885-2010. 2010?** Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/1_fmestudosciganos2011.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

MOONEN, F. **Anticiganismo no Brasil: os ciganos na Europa e no Brasil.** [S.I.] 2011. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/fmo_2013_anticiganismoeuropabrasil.pdf Acesso em: 10 set. 2021.

MONTEIRO, E. N. J. **As crianças calon: uma etnografia sobre a concepção de infância entre os ciganos no Vale do Mamanguape - PB.** 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2015.

MONTEIRO, E. N. J. **Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon.** 2019. 392 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina (SC), 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/maril/Downloads/PASO0497-T.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

MORAIS FILHO, M. **Os ciganos no Brasil e o cancionário dos ciganos.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação.** Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; KLAMT, M. M. Sobreposição de línguas: descrições linguísticas. **Revista Fórum linguístico.** V. 17. nº 7. 2020, p. 5544-5560. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77231/45490>. Acesso em: 19 fev. 2022.

NHAMPOCA, E. **Políticas Linguísticas: Direitos linguísticos e justiça social.** Canal do Youtube: ABRALIN. Youtube, 23/06/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hkpMGmfq6Ak>. Acesso em: 12/02/2022.

SHIMURA, I. M. **Ser cigano: identidade étnica em um acampamento Calon itinerante.** 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

_____. 7 segmentos ciganos pouco reconhecidos no Brasil: especificidades versus generalizações. **Blog estudos ciganos.** 26 de março de 2019. Disponível em: <https://grupoestudosciganos.blogspot.com/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SILVA, L. F. **“Aqui, todo mundo é da mesma família”:** parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – CE. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13607/1/AquiTodoMundo_Silva_2010.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

SILVA JÚNIOR, A. de A. **Produção social dos sentidos em processos interculturais de comunicação e saúde:** a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal. 2018. 522 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação da Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ), 2018. Disponível em: https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Tese%20PPGICS%20Aluizio%20de%20Azevedo%20Silva%20Junior_2018.pdf. Acesso em: 12 mai. 2021.

SIQUEIRA, R. A. **Os calon do município de Sousa-PB:** dinâmicas ciganas e transformações culturais. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 2012. Disponível em: https://www.ufpe.br/nepe/dissertacoes/dissertacao_10.pdf. Acesso em: 05 nov. 2018.

SOARES, P. A. S. **Língua Terena de Sinais:** análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha. 2018. 107 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara (SP), 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/155878/soares_pas_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 27 jan. 2022.

SOUZA, W. P. A.; FARIA, E. M. B. O gesto como facilitador da produção de sentido no diálogo entre crianças surdas em aquisição de linguagem. *In:* CAVALCANTE, M. C. B.

Multimodalidade em aquisição da linguagem. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 135-148.

TEIXEIRA, R. C. **História dos Ciganos no Brasil.** Núcleo de estudos ciganos: Recife, 2000.

VOLÓCHINOV, V. N. Palavra na vida e a palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica. *In:* VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção do enunciado e outros ensaios.** Trad. João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 71-100.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In:* VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em: 20 nov. 2021.
Aceito em: 05 mai. 2022.